

Título	“O nosso papel só termina quando a pessoa arranja trabalho”	Data	06.07.2012
Fonte	Setúbal na Rede	Página	

Pedro Miguel Oliveira, diretor de formação da ATEC

“O nosso papel só termina quando a pessoa arranja trabalho”



Tendo como promotores a Volkswagen Autoeuropa, a Siemens, a Bosch e a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã, com quem mantém “uma relação muito direta”, a ATEC tem ainda protocolos com cerca de 200 pequenas e médias empresas, o que permite “perceber o que o mercado necessita em termos de mão-de-obra”. Pedro Miguel Oliveira, diretor de formação da ATEC, admite que “há uma grande exigência a nível industrial, porque as empresas querem trabalhadores com pontualidade, assiduidade e muita proatividade”, pelo que nesta academia de formação, além de se trabalhar o saber-fazer, “existe uma preocupação grande com o saber-estar”. O

responsável destaca ainda o facto de as profissões técnicas serem, muitas vezes, menos valorizadas, garante que “acabam por ser melhor pagas do que aquelas que são bem vistas socialmente e as famílias já começam a entender isso”.

“Setúbal na Rede” - Quais as novidades que a ATEC pensa apresentar no próximo ano letivo?

Pedro Miguel Oliveira - Vamos ter sete turmas de técnicos de manutenção industrial, vamos ter também de mecatrónica automóvel, como não podia deixar de ser, vamos ter técnico de maquinaria e programação de CNC e um curso novo em que decidimos apostar, porque o mercado está muito apelativo a técnicos desta área, que é o técnico de mecatrónica. Aqui apostamos em duas ações para dar resposta a todos os jovens que nos chegam já com o nono ano feito e que querem ter um sistema de formação em regime dual, que é o sistema de aprendizagem que lhes permite ter um regime escolar até ao 12º ano e paralelamente uma aprendizagem de uma profissão, com um estágio numa empresa em cada período de formação ou ano letivo. Estas são as grandes novidades para os mais jovens, depois temos cursos de especialização tecnológica que se destinam a jovens e adultos já com o 12º ano, mas que não pretendem, para já, prosseguir estudos universitários, e então procuram-nos para se especializarem em determinada profissão. São jovens que já têm um background muito bom, ou têm o nível quatro da formação profissional ou têm o 12º ano do ensino regular, em que podem aprender connosco em cursos de sistemas de redes e sistemas informáticos, que têm uma grande procura no mercado, têm também o curso de automação robótica e controlo industrial e o de tecnologia mecatrónica, que temos também no nosso plano para iniciar em 2013.

SR - Como chegam à conclusão de que são essas as áreas que o mercado está a precisar?

PMO - É simples, porque todos os anos colocamos estagiários nas empresas e é o feedback que essas empresas nos dão, e a sua capacidade de gerar emprego, que faz com que se perceba que áreas são precisas. Por exemplo, no plano de formação do ano passado tivemos quatro ações de tecnologia mecatrónica automóvel, mas este ano só vamos ter uma porque sabemos que o mercado automóvel decaiu 50 por cento. A empregabilidade não está aos níveis que desejamos e, portanto, só faz sentido fazer formação se conseguirmos gerar emprego para os formandos. Se as empresas não estão recetivas, não conseguem ou não têm capacidade de gerar emprego, então temos que reduzir o número de formandos. Todo o mercado da automação e da manutenção industrial está muito bom e é nisso em que estamos a apostar.

SR - Como tem sido a taxa de empregabilidade junto dos vossos formandos?

PMO - Não tenho os dados do último trimestre, mas os do primeiro trimestre rodam os 90%, mas já tivemos de 94%.

SR - A crise tem afetado este sector em termos de colocação dos vossos alunos no mercado?

PMO - Logicamente que tem. Temos é que fazer um esforço para nos adaptarmos e de procurarmos dar-lhes cursos que lhes deem ferramentas para depois poderem trabalhar. E temos de estar a observar o que o mercado necessita em termos de especialização, daí a nossa necessidade de criar estes cursos mais virados para a área da manutenção industrial, mecatrónica, que é a junção da mecânica com eletrónica, para a área da automação e robótica, porque estas áreas não decaíram. Há outras áreas, em Portugal, que decaíram muito, e aí estamos a afastarmo-nos um pouco, não estamos a quebrar totalmente, mas não estamos a injetar tantos formandos no mercado, porque queremos formar para empregar e é para isso que serve a formação, para dar competências às

peçoas, para que estas sejam valorizadas e sejam competitivas no mercado de trabalho, é esse o nosso papel, que só termina quando a pessoa arranja trabalho.

SR – Há uma estrutura interna na ATEC que faça esse trabalho de continuidade e acompanhamento dos alunos?

PMO - Sim, temos um grupo de assistentes de formação que nos fazem todo o desenvolvimento dos dossiês técnico-pedagógicos e, paralelamente, um dos trabalhos é um pequeno observatório que temos. Temos um ficheiro trabalhado por nós, com o nome dos alunos e a sua situação passado o período de estágio. Três meses depois vemos como eles estão e vamos acompanhando de três em três meses. Muitas vezes são eles que nos pedem ajuda para o caso de termos alguma empresa a solicitar mão-de-obra qualificada nas áreas em que eles se formam e nós encaminhamos e juntamos a empresa com o formando. Ainda agora uma empresa alemã contactou-nos porque precisa de dois mecatrónicos industriais e nós temos dois jovens que foram dispensados da empresa onde estavam e vamos fazer uma reunião com esse objetivo.

SR - Esse acompanhamento dos ex-alunos passa também pelo contato com as empresas para perceber o feedback em termos das capacidades adquiridas pelos formandos?

PMO - Nós temos como promotores a Volkswagen Autoeuropa, a Siemens, a Bosch e a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã. Temos uma relação muito direta com estes promotores, mas paralelamente temos um universo de 200 pequenas e médias empresas em Portugal com as quais já temos protocolos de colaboração para estágio e isso permite-nos perceber o que essas empresas necessitam em termos de mão-de-obra. Ainda agora tivemos uma reunião com a Siemens porque estamos a projetar um novo Curso de Especialização Tecnológica, mas para isso precisamos de fazer o desenho do curso e de o propor à agência que gere os conteúdos programáticos de todos os cursos em Portugal. Temos sempre esta preocupação de inovar e de perceber o que está a acontecer e o que podemos fazer de melhor. Para isso, muitas das vezes temos que ir também às nossas multinacionais perceber o que eles estão a fazer para depois implementarmos cá em Portugal. É um caminho que demora algum tempo a ser percorrido mas que surte algum efeito. Neste momento estamos a terminar um CET na área da tecnologia mecatrónica automóvel, porque vamos ter este nível cinco, e estamos num grupo de trabalho a propor um nível quatro de soldadura. Portanto, a ATEC também funciona como um motor para inovar os conteúdos de formação em Portugal. Já estamos a pensar também nas smart grids, que são redes de comunicação e de gestão da energia, que neste momento estão a começar a surgir em Portugal e existem muitas empresas já adotar esta redes inteligentes de gestão e eficiência. E nós vamos também começar a formar nessa área, porque daqui a três ou quatro anos as empresas vão precisar de profissionais qualificados nessa área.

SR - Como avaliaria o grau de satisfação das empresas que recebem os vossos formandos?

PMO - Esporadicamente acompanho o nosso coordenador de ação, que é o mesmo que um diretor de turma numa escola do ensino regular, numa visita da formação prática em contexto de trabalho, ou seja, de estágio. Da última vez que fui, foi a um concessionário onde tínhamos dois ou três jovens a estagiar e estivemos a perguntar como se estavam a comportar. O responsável respondeu que com os nossos jovens nunca tinha problemas, que sabia identificar logo quando eram formandos da ATEC, pela sua postura e competências. Este é o melhor feedback que podemos obter, independentemente do feedback que se possa escrever em papel, é ir ao terreno e ouvir, não do diretor de recursos humanos, mas do próprio encarregado que está na oficina. E por aí eu sinto que as coisas estão bem.

SR - Quer dizer que há uma matriz de saída dos formandos, quando diz que nas empresas identificam um formando da ATEC?

PMO - Sim, porque preocupamo-nos com o saber-fazer, temos um grande plano de investimento tecnológico todos os anos para responder a isso, mas acima de tudo também nos preocupamos com o saber-estar porque, por exemplo, ninguém gosta de entregar um automóvel a um funcionário de um concessionário que está todo sujo. As pessoas gostam de entregar o automóvel a um funcionário que tenha cuidado com o veículo, gostam de ver a pessoa a revestir o banco e o volante, porque é sinónimo de qualidade e organização, e são esses cuidados que ensinamos aqui. Ensinamos também a saberem conversar com as pessoas, a postura que têm que ter, pois eles não podem lá andar no concessionário com as calças descaídas ou com as mãos nos bolsos. Portanto, são essas posturas que nos esforçamos por trabalhar logo desde o início quando as pessoas chegam aqui.

SR - E qual é o perfil de entrada dessas pessoas?

PMO - São jovens que, efetivamente, querem continuar a estudar até ao 12º ano, mas que querem aprender uma profissão. Mas, na nossa opinião, existe ainda muito facilitismo, fruto da legislação que o ensino regular tem, que é muito permissiva e não é exigente, e nós sabemos que, para que as pessoas aumentem as suas competências e para que estejam num ambiente saudável de formação, têm que ter um ambiente que também seja exigente com

elas próprias. Nós não permitimos o uso de telemóvel dentro da sala de aulas, não permitimos aos alunos andarem de boné nos corredores e não permitimos certo tipo de posturas. Quando aqui entram despem a sua roupa pessoal e usam a farda da ATEC, pelo que só os diferenciamos pela tipologia de formação. E quando as pessoas são todas iguais, o que salta à vista é o que ela consegue mostrar, o seu saber e o seu envolvimento no curso, e isso permite-nos ter um ponto de partida. É claro que temos alguns casos difíceis de resolver, mas aí resolvemos com os nossos regulamentos internos, porque as pessoas para estarem aqui têm que estar de acordo com as nossas regras. Há uma grande exigência a nível industrial, as empresas querem um trabalhador com pontualidade, assiduidade, e com muita proatividade, e são essas premissas que nós aqui trabalhamos.

SR - Isso encontra-se hoje no momento de entrada?

PMO - Encontra-se, está latente, e tem que ser trabalhado pelos profissionais da ATEC. Nós temos uma hierarquia em que a administração é composta também por representantes da Volkswagen Autoeuropa e da Siemens, depois temos a direção de coordenação, que tem coordenadores em cada área, e são esses coordenadores em conjunto com a direção de coordenação que são responsáveis por cada ação de formação. Nós tentamos criar um núcleo duro para gerir toda a formação que aqui temos e por vezes com cerca de 45 turmas. Temos cerca de 700 formandos, a trabalhar em dois turnos. Os nossos formandos iniciam às 7:40 da manhã, terminam o primeiro turno às 15:40 e iniciamos o segundo turno às 16 horas e terminamos às 23. Às 7:40 da manhã, se os formandos não estiverem dentro da sala de aula, quando quiserem entrar, não entram, ficam meia hora lá fora. Imagine o que é estar a dar formação e estar a ser interrompido, minuto a minuto, com pessoas a entrar porque não tiveram o cuidado de se levantar a horas. Tentamos ao máximo prepará-los para indústria.

SR - A localização da ATEC não é um obstáculo para os alunos?

PMO – Não, porque para se deslocarem existem várias alternativas. Podem utilizar o comboio com o passe social, porque temos um subsídio de transporte, podem utilizar os transportes da Autoeuropa, que cobrem cerca de 54 percursos, até existem autocarros a vir de Sines, Grândola, portanto não é um obstáculo. Em casos de pessoas que vivam em sítios muito isolados, podemos solicitar uma autorização para que o subsídio de transporte possa ser pago em dinheiro e as pessoas podem deslocar-se por meios próprios, de mota ou de carro. Além disso, para pessoas que vivam a mais de 50 quilómetros e não tenham meio de transporte para se deslocarem, podemos solicitar ao IEFP um subsídio de alojamento, mas cada caso é analisado individualmente.

Neste momento há uma grande preocupação pela tutela, representada pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional, com o qual temos um acordo de parceria para o desenvolvimento desta formação, de formar jovens e dar-lhes competências, porque é melhor chegar ao 12º ano com uma profissão do que chegar lá e não saber fazer nada. E a orientação que temos da nossa tutela é para isto, para analisar cada caso que nos chega aqui à ATEC e ver qual a melhor solução. Muitas vezes, chegam aqui os pais com os jovens e não sabem que cursos querem, só sabem que querem um curso e aprender uma profissão. Isto há uns anos atrás era impensável porque antes os jovens chegavam-nos aqui porque não os queriam no ensino regular, mas agora estamos a mudar esta linha de pensamento e estamos a ir no bom caminho.

SR – Não sente que se valorizam muito mais as profissões que requerem licenciaturas e não tanto as profissões técnicas?

PMO - Estamos a lutar contra esse estigma em todas as frentes. Falamos com as empresas e percebemos o que querem, mas também estamos a lutar junto das famílias. Quando nos chega aqui um encarregado de educação com o filho que quer tirar um curso mas não sabe o que quer, temos uma equipa que pega no encarregado de educação e no seu filho e percorre todas as áreas formativas da ATEC, porque há um grande desconhecimento das famílias do que é um técnico de maquinaria e programação CNC, que é o que permite às empresas a produção massiva, e estes técnicos são muito valorizados e muito bem pagos.

Essas profissões técnicas muitas vezes são menos valorizadas mas acabam por ser melhor pagas do que aquelas que são bem vistas socialmente e as famílias já começam a entender isso. Há 30 anos atrás valorizava-se muito o ensino superior porque isso era sinónimo de encontrar trabalho e ter um bom emprego, hoje acaba por ser sinónimo de encontrar trabalho e ter um bom emprego o ser um mecânico industrial. Isto é uma questão de necessidades do mercado e os nossos cursos permitem evoluir em termos de escolaridade também. Por exemplo, os nossos CET's, que são cursos de especialização tecnologia para jovens com o 12º ano, têm algumas equivalências a algumas cadeiras de cursos do ensino superior, por exemplo no Instituto Politécnico de Setúbal, e estamos em negociações com o Instituto Superior Técnico também. Portanto, existe essa possibilidade e é valorizado sempre pela empresa o facto da pessoa ter o conhecimento real e prático destas áreas industriais e se depois puder evoluir a nível mais teórico, é ótimo.

SR - Que argumentos utiliza para cativar os alunos a virem para esta escola?

PMO - O facto de termos um grande corpo de técnicos e formadores com grande experiência industrial. Depois, o nosso espaço e equipamentos, porque todos os anos temos um grande plano de investimento e a preocupação de ter todos os aparelhos e instrumentos de diagnóstico, principalmente da área automóvel, e sempre os mais recentes porque sabemos que quando eles forem estagiar fazem a diferença pelo nível de conhecimentos que levam. Não podemos formar pessoas com máquinas de 30 ou 40 anos, que estão completamente desatualizadas, vamos formar pessoas com equipamentos novos e recentes, e essa é uma das nossas maiores preocupações, e é também um sinal de qualidade da nossa formação. Mas também é dito logo aos formandos, que é uma escola muito exigente, nós exigimos muito da parte do formando.

SR - Qual é a imagem de marca da escola?

PMO - A qualidade, acima de tudo, e um grande prestígio a nível nacional e internacional que os nossos promotores nos dão condições para ter.